

A RELEVÂNCIA DA LEITURA E A MEDIAÇÃO DOCENTE

Juliana Vitória de Oliveira Vicente

Diego Kenji de Almeida Marihama

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa explorar a importância da leitura e como será incentivada e estimulada no contexto escolar para as crianças, considera o trabalho do docente como um mediador entre o processo de apropriação pelo gosto da leitura pelo aluno.

A presente pesquisa levanta a hipótese de que nas salas de aula os alunos não são homogêneos e que cada um traz consigo uma bagagem de experiências e de acesso à leitura. Dessa forma, questiona-se: como o professor irá nortear o seu trabalho, a fim de trabalhar de forma significativa e prazerosa, para que seu aluno tenha o pleno acesso à literatura e reconheça sua relevância?

Cada criança que ingressa na instituição escolar traz consigo uma bagagem cultural. Há crianças que possuem um maior acesso aos meios de leitura (sejam eles visuais ou escritos) recebendo também total incentivo e estimulação da família. Há, por outro lado, crianças que não possuem um contato amplo com os meios de leitura, nesse caso, cabe aos professores a missão de ser como uma ponte a todos os seus alunos, tendo como objetivo levá-los a ter o pleno acesso à literatura de forma prazerosa, significativa e formadora.

O objetivo dessa pesquisa destina-se a discutir a importância da leitura no contexto escolar na formação do discente e como o professor

irá nortear o seu trabalho, a fim de formar crianças leitoras e o papel do docente como mediador nesse processo.

A pesquisa procura evidenciar a forma de se trabalhar essa modalidade na escola, considerando que pode ser desenvolvida de diversas formas pelo docente e pretende apresentar uma aula mais prazerosa e dinâmica, aproximar cada vez mais seus alunos do seu objetivo principal, que é o de formar leitores autônomos e de refletir acerca da bagagem cultural que a criança traz e o que ele já possui de conhecimento prévio adquirido por meio da instituição família e na relação com as outras pessoas.

O trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa alicerçada nos fundamentos bibliográficos de cunho bibliográfico qualitativo. Fundamenta-se nas obras de Brasil (1997); Bamberger (1975); Jolibert (1994); Moro (2016); entre outros.

A pesquisa foi organizada em cinco tópicos. O primeiro discorre sobre a literatura na educação. O segundo, sobre a importância do incentivo à leitura. O terceiro aborda o papel do professor em sala de aula, sendo um incentivador exímio ao aluno. O quarto tópico estuda a prática em sala de aula, discorre sobre os tempos necessários e metodologias com destaque aos projetos de leitura para realização deste trabalho que é enfatizado no quinto tópico. Ao final, encontram-se a conclusão e as referências que nortearam essa pesquisa.

LITERATURA NA EDUCAÇÃO

O contato com a leitura inicia-se desde a mais tenra idade, esse convívio inicia-se principalmente no âmbito familiar, de acordo com Moro (2016) inicia-se a partir da interação da mãe com seu bebê, inclusive, ainda estando ele no ventre materno.

Tal expressividade na relação adulto criança exposta acima reforça a ideia defendida nos estudos de Silva (1994 citado por SOUZA, 2016, p. 11) “o incentivo à leitura deve ser feito com a criança desde os primeiros meses de vida” tendo por pressuposto que segundo Baptista; Rohlf (2016, p.05) “a história do leitor começa quando ele chega ao mundo”, dentre esses fatores é relevante destacar que a leitura não foca somente em livros didáticos presentes na escola ou até mesmo

os livros de literatura presentes nas bibliotecas, mas em todo contexto que a criança está inserida, incluindo os signos presente na sociedade (SARACHO, 2016). Nesse contexto, Martins (1982) comenta que ao ouvirmos a palavra leitura já associamos a material didáticos, de manuseio (como livros e jornais), mas questiona acerca da relação feita entre a leitura e a uma decodificação de um código escrito.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN “[...] a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (BRASIL, 1997, p. 55). Conforme essa necessidade de o aluno ir além de uma leitura direcionada somente a decodificar códigos presentes na escrita, Martins (1982) declara que a leitura acontece desde os primeiros contatos com o mundo, aprendemos a ler independentemente de alguém ensinar ou não, esse ensino está diretamente ligado ao próprio indivíduo, visto que afirmado por ele, essa aprendizagem provém das experiências vividas pelo indivíduo socialmente e aos sentidos atribuídos por eles, em concordância com Martins, Frantz (2011) alega que o ato de ler é atribuir sentidos, levar em conta essa capacidade do indivíduo de assumi-los e de decifrá-los, assim “[...] ler é conhecer, mas também conhecer-se; é integrar-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades” (BORDINI, 1985, p.27). Essa convivência direta a diversas situações que acontecem em seu dia a dia proporciona a interação com os meios sociais de leitura, possibilita ao aluno ter possibilidades de conhecer o desconhecido (Baptista; Rohlf, 2016). Interioriza-se, assim, um conhecimento sobre os fatores externos a ela, que auxiliam no seu desenvolvimento integral e no seu autoconhecimento, visto que, a leitura se torna uma necessidade indispensável ao homem (FRANTZ, 2011).

A compreensão acima mencionada complementa a ideia de que a literatura proporciona ao indivíduo a viabilidade de questionar o mundo e a si mesmo, tornar-se um ser autônomo e pensar de forma autônoma (SARACHO, 2016), dessa forma, ao ler abre-se um caminho para ser ensinado nas histórias, conhecimentos e valores ao indivíduo, “[...] transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo [...]” (ZILBERMAN,

2003, p.23). De acordo com a autora, a literatura emite valores representativos da vida adulta para a criança, para que ela possa compreendê-los de seu modo mais simplificado, por esse fator, a escola como instituição proporciona a garantia ao aluno de um contato maior com a literatura (Moro, 2016). Para que esse contato direto com a literatura se efetive em sala de aula Colomer (2007) orienta que devemos proporcionar uma diversidade de livros, e ampliar o contato a gêneros textuais, inserir também livros que fazem parte da cultura que o aluno está inserido, e para que seja desenvolvido o hábito de leitura no aluno é necessário que ele leia, pois de acordo com Jolibert (1994, p. 14) “é lendo que nos tornamos leitor e não aprendendo primeiro para poder ler depois”, e essa leitura tem que ser proporcionada e incentivada ao aluno por meio do docente.

IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA

Desde os primórdios da história ocidental, as histórias sempre se fizeram presentes. Por meio delas são transmitidos valores de uma determinada cultura, “Muito se tem discutido acerca da importância da literatura para a primeira infância e da importância de se oferecer livros literários para crianças desde a mais tenra idade [...]” (BAPTISTA; ROHLFS, 2016, p. 05). Independentemente da idade, a criança já compreende o conceito leitura, seja ela de escrita e até mesmo de elementos visuais como imagens, sinalizadores, placas etc. Devido a essa necessidade de promover o acesso e aos meios para estimular a leitura pela criança, integram-se os livros, nesse processo, como um direito concedido a todos os indivíduos o pleno acesso à literatura (CÂNDIDO, 1995 citado por BAPTISTA; ROHLFS, 2016).

Cabe dessa forma ao professor, fazer valer direito ao valorizá-la na formação das crianças, que de acordo com Baptista; Rohlf (2016, p. 06) “[...] compete a nós educadores, desenvolver práticas de experiência literária significativas, capazes de envolvê-las em um mundo de palavras, sons, descobertas, afeto e fantasia”. Dessa forma, a leitura de livros remete a histórias que possuem um contexto que leva o leitor a vivenciá-la. O ato de ouvir histórias de acordo com Moro (2016, p. 11) “faz com que a criança se identifique com

os personagens; os sentimentos de medo, coragem, força e fragilidade permitem que busque no seu interior a solução para muitos de seus problemas.” Ao vivenciar a situação presente nas histórias as crianças compreendem valores que neles estão embutidos e permite a elas uma reflexão sobre a realidade.

Para atingir as expectativas das crianças em relação ao contato com a literatura, adultos e educadores devem criar caminhos e serem mediadores, a fim de garantir o acesso e a vivência das crianças com as práticas da leitura, sendo uma ferramenta que dará acesso também à linguagem escrita (BAPTISTA; ROHLFS 2016), interligado ao fato o sentido da escrita também é relevante, pois segundo Jolibert (1994, p. 15, grifo do autor) “ler é *questionar* algo escrito *como tal* a partir de uma *expectativa real* (necessita-de-prazer) numa *verdadeira situação de vida*.”

Por esses e outros fatores demonstra-se necessário trabalhar com a literatura na escola de forma significativa, pois proporciona ao aluno ampliar seu campo de conhecimento, e ainda emociona, encanta e serve como lenitivo no tratamento terapêutico, proporcionando assim, prazer da leitura ao leitor (Moro, 2016). Partindo desses pressupostos, nota-se a real importância da literatura, o incentivo à leitura na sala de aula e o agir do professor nesse processo. Dentre o contexto em sala de aula, Bamberger (1975) aborda que as meninas se interessam mais por histórias emotivas, de escola e de família, enquanto os meninos se interessam mais por histórias de aventura e mistérios. O que é para o professor um eixo norteador, pois a partir do momento que ele sabe o seu público alvo e o que os interessa fica mais fácil de se trabalhar de forma lúdica e prazerosa com os alunos, afirmado pelo próprio autor que essa ação do docente deve levar em conta os interesses dos alunos e a sua realidade social e cultural (BAMBERGER, 1975). De acordo com a citação acima do Parâmetro Nacional Curricular – PCN ao ler os textos os alunos terão uma visão ampla e despertará o olhar e o interesse a outros livros, Saracho (2016, p. 13) dessa forma, afirma que “As crianças identificam-se com os personagens da história e vivenciam experiências expressivas em outros lugares, épocas e estilos de vida [...]”, sendo esses os fatores que norteiam de o trabalho do docente em estimular a relevância da leitura.

PAPEL DO PROFESSOR

A formação continuada do professor deve acompanhar a demanda educacional presente em sua sala de aula e nas necessidades do momento presente, ele será como um mediador para o aluno em seu ingresso no mundo da leitura e por isso:

[...] a principal tarefa de um mediador de leitura é que ele saiba ler de muitas maneiras, sendo, em primeiro lugar, um leitor para si mesmo. Em segundo lugar, um mediador de leitura saberá criar momentos oportunos e atmosfera para facilitar o encontro entre livros e leitores (BAPTISTA; ROHLFS, 2016, p. 06).

Com relação aos fatos apresentados, percebe-se que o trabalho de desenvolver nas crianças de 0 a 5 anos, o hábito da leitura é um processo contínuo, deve-se então dedicar a ação pedagógica no alvo de:

[...] as crianças se tornarem leitores motivados, ativos, engajados, que lêem em busca de prazer e de informações, porque consideram particularmente a leitura gratificante e recompensadora (CRAMER; CASTLE, 2001).

Dentre algumas funções do professor em sala de aula como um caminho ao aluno para desenvolver essa leitura gratificante, relaciona-se ao que o autor Jolibert (1994, p. 14) afirma “fazer com que a vida da aula proporcione às crianças situações de leitura simultaneamente efetivas e muito diversificadas [...]; ajudá-las a elucidar suas próprias estratégias de leitura (como fazem).” Essas estratégias devem estar embasadas no incentivo à leitura para auxiliar o indivíduo na sua auto realização, para proporcionar relaxamento e diversão, interesse por diversos gêneros literários, entre outros (BAMBERGER, 1975), e se o trabalho do professor é formar indivíduos capazes de analisar e compreender os textos, Brasil (1997, p. 55) declara “[...] é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola.” E para concretizar essas ações o docente poderá utilizar do lúdico, incentivar e

promover ações para a formação de leitores, desenvolver nos indivíduos o desejo de ouvir histórias, proporcionar assim uma aproximação entre o livro, a leitura e o leitor (MORO, 2016).

São essas uma das ferramentas que o docente poderá utilizar, contudo, segundo Jolibert (1994, p. 74) “os professores esquecem de utilizar toda a diversidade dos conhecimentos das crianças”, sendo cabível ao docente levar em consideração durante o seu planejamento o que faz parte da vida das crianças e seu contexto cultural. É relevante também que o docente reconheça que sua prática norteará o leitor que ele pretende formar, sendo válido ressaltar que “[...] é necessário que tenha disponível e acessível um acervo de qualidade em relação aos livros, às tecnologias e a um ambiente seguro, que propicie a aprendizagem” (MORO, 2016, p. 09). De acordo com esses fatores citados acima auxiliará a prática em sala de aula de forma significativa a todos os alunos.

O professor também poderá utilizar como recurso para desenvolver o hábito de leitura as obras literárias de Monteiro Lobato que são referência no Brasil, pois esse autor foi quem de acordo com Silva (1994, citado por SOUZA, 2016, p. 14) “[...] abriu as portas da verdadeira literatura infantil e que [...] criou as obras destinadas às crianças”, ele se dedicou a escrever sobre a literatura infantil em 1921, sua primeira obra no ano de 1945 na editora Brasiliense com o livro *Narizinho Arrebitado* e que a partir dessa obra lança o *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Outros livros do autor são: *Caçadas de Pedrinho*, *História do mundo para Crianças*, *O PicaPau Amarelo*, *O Minotauro*, *Peter Pan*, *O Poço do Visconde*, *O Poço de Visconde*, *Fábulas*, *Dom Quixote para as Crianças*, *Histórias Diversas*, *O Saci*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Emília no País da Gramática*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *Viagem ao Céu*, *Reinações de Narizinho*, *Memórias de Emília*, *História das Invenções*, *As aventuras de Hans Staden*, *A chave do Tamanho*, *Aritmética de Emília* (LOBATO, 1997).

PRÁTICA EM SALA DE AULA

O trabalho em sala de aula favorece a prática de procedimentos valiosos para se desenvolver a leitura, como também pode implicar em um dos primeiros contatos que o aluno terá com a literatura. Há professores

que se preocupam apenas em “ [...] destacar para os alunos o conteúdo do texto, sem se preocupar com a forma, que é fundamental para o desenvolvimento do prazer de ler” (MARINI, 2019, p. 09), porém, deve ser abordado os elementos textuais do livro, como o autor, ilustrador e ilustrações, começo, meio e fim da história, frisar com os alunos o sentido do texto, quais informações ele passa para o leitor e o seu real sentido.

Nessa perspectiva, Jolibert (1994, p. 21) afirma que “É preciso que as crianças que vêm a escola possam engajar-se em seu próprio aprendizado (ao invés de sofrer um ensinamento) [...]”, isso nos remete a uma aprendizagem significativa e utilizar do que o aluno traz consigo do seu cotidiano e unindo com a aprendizagem escolar, sendo o professor um exímio mediador para que o próprio discente construa o seu conhecimento, desta forma de acordo com o PCN “Um leitor competente é alguém que [...] consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.” (BRASIL, 1997, p. 54), sendo esse o objetivo do professor em sua prática em sala de aula: tornar seus alunos leitores competentes e conscientes daquilo que lê e da forma que assimila essa leitura, de forma a auxiliar na apuração do senso crítico, entendimento, amplia o conhecimento, enriquece o vocabulário, aprimora a escrita de redações, minimiza dificuldades acadêmica e o afeto (CAMPELLO, 2016).

A leitura não está associada apenas a decodificação de símbolos, mas também pelo interesse da parte do discente com os acervos literários que o professor proporciona a e ele como uma “[...] resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal” (BRASIL, 1997, p. 57). Diante esses fatos é presente que “A vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura, [...]” (JOLIBERT, 1994, p.31) incluído todos âmbitos como a leitura icônica, gestual ou comunicação sonora (RODRIGUES, 2017), consolida-se uma base ao aluno na compreensão de conceitos do mundo e a sua interpretação, abrindo novas perspectivas sobre a sociedade em que está inserido.

Determinar a hora de histórias é essencial para que as crianças criem uma rotina e identifiquem a real importância do ler, e dessa forma trabalhar com a leitura feita diariamente com atividades permanentes com diversos gêneros textuais, que significará uma atividade coletiva que proporciona interação entre a crianças por meio do livro,

criando um espaço prazeroso (MORO, 2016). Dessa forma, o professor pode organizar sua aula com projetos de leitura, como será discutido no tópico a seguir.

Para se ter uma prática eficaz em sala de aula, o docente precisa conhecer sua sala, seus alunos e a metodologia que ele utilizará para atingir seu objetivo de forma eficaz, nessa prática inclui a formação do professor, ele deverá se moldar de acordo com seu alvo. Nesse sentido, é essencial o docente ter conhecimento sobre a faixa etária de seus discentes e o estilo literário adequado para eles. Crianças de 5 a 8 anos se interessam por conto de fadas, no período dos 9 aos 12 anos o ser se interessa por histórias realistas, pela aventura e a magia, dentre os 12 a 14 ou 15 anos fase da pré-adolescência é presente um interesse por livros de viagens, aventuras, romances sensacionais, no período dos 14 a 17 anos surge um interesse por livros de histórias de amor, atualidades, biografias, entre outros (BAMBERGER, 1975).

Após o professor direcionar seus objetivos é necessária “A organização do ambiente, [...] isso, pressupõe, antes de qualquer coisa, uma concepção de ensino e aprendizagem de criança [...]” (SILVA, 2009, p. 08), organizar a sala conforme o desenvolver da aula e adequar a faixa etária da turma, e o tempo que trabalhará a leitura, bem como os recursos e adereços que utilizará para isso, ele poderá utilizar como recursos auxiliares a narração com efeitos especiais, narração interativa, maquete, bocão, radionovela, fantoche, dramatização, velômetro, teatro de sombra, dobradura, marionetes e cineminha (DOHME, 2000).

O argumento que “certas condições podem favorecer que a atenção, os interesses e os pensamentos dos estudantes voltem-se para a leitura” (CRAMER; CASTLE, 2001, p. 105) pauta-se que a educação nas escolas siga a ciência em seu progresso acelerado (PRATA, 1997), devido a esse fator é necessário que o docente organize sua prática para promover e garantir que esse direito seja cumprido, que atinja o objetivo da proposta pedagógica e o que é também instituído para ser trabalhado.

PROJETO DE LEITURA

O projeto tem a finalidade de ser a execução de um plano, é fruto do planejamento do docente de acordo com seus objetivos, ele tem a

duração e a forma de trabalhar que o próprio docente determinar. Sua prática necessita de “variedade de situações de leitura” (JOLIBERT, 1994, p. 43), essas situações têm como eixo principal o desenvolvimento do gosto pela leitura assim, selecionamos os materiais de leitura e garantimos um vasto acervo aos alunos, desde um conto de fadas, até histórias que ensinem sobre placas, sinais de trânsito, catálogos e lojas (Bamberger, 1975). Esses materiais escolhidos pelo docente estimulam esse interesse por parte dos discentes, proporcionam a interação entre os alunos, a troca de informações sobre os livros e leituras realizadas pelos mesmos, que de acordo com Silva (2009) as crianças aprendem nessa socialização com as trocas de experiências com os professores e colegas. O projeto engloba todos os alunos de forma significativa, mesmo que cada um aprenda no seu tempo e mesmo que cada um tenha um conhecimento prévio diferente do outro, o trabalho do professor pauta-se no todo, dessa forma as práticas bem-sucedidas são diretamente ligadas a um professor que criou formas de se trabalhar que foram inesquecíveis para seus alunos e significativo na vida de cada um (FAILLA, 2012).

O trabalho por projeto considera também aqueles alunos que não tiveram oportunidades de leitura fora da escola, inclusive de suas famílias que não serviram de referência, nem proporcionaram esse contato com os meios escritos, assim, a escola não compensa a falta que o discente teve do seu contexto familiar, mas ajuda na aproximação e mediação.

Para essa construção do conhecimento “[...] é importantíssimo que a medida do rendimento e a interpretação dos resultados sejam feitas regularmente” (BAMBERGER, 1975, p. 27), o professor realiza o rendimento de seus alunos, como eles estão, o quanto avançaram e o quanto precisam avançar, para que o projeto esteja atinja a todos de forma significativa, e para que o docente possa verifique o que falta e o que precisa complementar nas metodologias utilizadas, como também no trabalho com os discentes, dessa forma, não se forma bons leitores apenas com a leitura de livro didáticos ou estabelecidos pelas instituições de ensino, mas livros de interesse do mesmo (BRASIL, 1997).

Nessa perspectiva, a organização da sala de aula é modificada de acordo com as intenções do planejamento e pela finalidade de atin-

gir o objetivo de desenvolverem o gosto pela leitura e na formação de crianças leitoras, leitores que atribuem sentido ao que lê e correlacionam ao mundo exterior e na sociedade em que estão inseridos, o que conseqüentemente auxilia na formação de um sujeito crítico (SILVA, 2009), assim, segundo Moro (2016) os aprendizes usam o conhecimento para adquirir competências, tirar conclusões, serem seres autônomos, a criarem estratégias por meio do pensamento e a partir deles gerar novos conhecimentos.

Esses argumentos fundamentam a ideia de que o planejamento oferece uma gama de ações pedagógicas e estratégias de ensino, carrega consigo os resultados que o professor colheu com eles, o qual ele pode anexar em seu projeto em forma de gráficos para analisar os rendimentos de cada um dos alunos e quais estão atingiram o real objetivo, a fim de formar o leitor experiente. Compreender esses conceitos são essenciais para que o professor saiba para onde ele vai e como chegará ao seu objetivo, assim, o projeto pode ser organizado com base em tais argumentos apresentados nesse tópico (SILVA, 2009).

CONCLUSÃO

A importância da leitura se torna vital em nossa sociedade, para tudo o que vamos fazer necessitamos realizar uma leitura e interpretá-la. A criança que ingressa na instituição escola já traz consigo uma bagagem cultural e de experiências que viveu juntamente com a sua família, que por si é a primeira instituição pela qual a criança faz parte e se relaciona, esses conhecimentos prévios devem ser levados em conta pelo professor no processo de ensino-aprendizagem, pois haverá alunos que possuem mais acesso aos livros e outros que nem tanto, dessa forma o professor deve atender todos esses alunos independente desses contrapontos, considerando-os é claro, mas garantindo o acesso a todos indistintamente, segundo a necessidade de aprendizagem de cada um oferecendo recursos diversos a ambos para que todos tenham os mesmos acessos e cheguem a um mesmo objetivo: desenvolver o gosto pela leitura e tornar-se um ser autônomo é um ser crítico a partir dela.

O docente, na realização desse trabalho, deve planejar sua aula para incluir esses tempos de acesso à leitura por parte dos alunos, incluindo

em sua prática pedagógica projetos que contemple o saber do aluno e o objetivo do professor, considerando o papel do mediador nesse contexto.

Esse trabalho enfatiza a relevância da leitura pelo aluno e como o professor pode estimular e trabalhar com seus alunos para desenvolver esse objetivo. A leitura, portanto, proporciona o estabelecimento de valores, criatividade, senso crítico, ampliação do seu vocabulário, entre outros fatores frisados no trabalho.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1975. p. 27.

BAPTISTA, M.; ROHLFS, F. A literatura e a construção da subjetividade. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 46, jan./mar. 2016.

BORDINI, Maria da Glória. **A poesia infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática. 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC. 1997.

CAMPELLO, B. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica. 2016. Disponível em: < <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cartilha-biblioteca-escolar.pdf> > Acesso em: 05 de abril 2019.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. São Paulo: Global, 2007.

CRAMER, Eugene; CASTLE, Marrietta. **Incentivando o amor pela leitura**. 1. ed. Porto alegre: Artmed, 2001.

DOHME, V. D. **Técnicas de contar histórias**. 4. ed. São Paulo: Informal, 2000.

- FAILLA, Zoara. **Leituras dos “retratos” – O comportamento leitor do brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012. Disponível em: < <http://prolivro.org.br/imagens/antigo/4095.pdf> >. Acesso em: 01 maio 2019.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar**. DF- Brasília, 2019. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf >. Acesso em: 10 fevereiro 2019.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. MARINI. Para formar leitores, o professor precisa ler. **Revista Educação**, São Paulo, n. 256, março 2019.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. 3. ed. São Paulo: brasiliense. 1982.
- MORO, Eliane; ESTABEL, Lizandra. A biblioteca escolar e as crianças pequenas. **REVISTA PÁTIO EDUCAÇÃO INFANTIL**, Porto Alegre, n°46, jan./mar. 2016 p. 9, 11.
- PRATA, Mario. **Quem inventou essa crônica**. Em 100 crônicas – O Estado de S. Paulo. 1. ed. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997.
- RODRIGUES, Luciana. Leitores sem fim: um documentário emocionante e reflexivo sobre a influências dos livros e das bibliotecas. 2017. Disponível em: < <http://biblioo.info/leitores-sem-fim-2/> >. Acesso em: 17 abr 2019.
- SARACHO, Olivia N. Letramento visual na literatura infantil. **REVISTA PÁTIO EDUCAÇÃO INFANTIL**, Porto Alegre, n°46, jan./mar. 2016.

SILVA, Sariane. Espaços E tempos para ler oferecidos a crianças de 4 a 6 anos. **Revista do Professor**, Porto Alegre, n. 97, jan./mar. 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ART-MED, 1998.

SOUZA, Tamiris Ribeiro. **Leitura na Educação Infantil**: uma prática possível. 2016. 11, 14 f. Dissertação (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário de Itajubá - FEPI, Minas Gerais, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 1. ed. São Paulo: Global, 2003.